



MÊS DE CÃES DANADOS, HISTÓRIA E FICÇÃO NOS TEMPOS DA LEGALIDADE

TIAGO GOULART COLLARES

Mestrando do Programa de Pós-Graduação
em Letras - História da Literatura pela
Universidade Federal do Rio Grande (FURG).
Pesquisa a literatura sul-rio-grandense, em
especial, o gênero conto.

Contato: tiagocollares1984@gmail.com

MÊS DE CÃES DANADOS, HISTÓRIA E FICÇÃO NOS TEMPOS DA LEGALIDADE

Tiago Goulart Collares

RESUMO: O presente artigo visa à análise do romance *Mês de cães danados*, do escritor Moacyr Scliar, tendo como reflexões centrais o contexto histórico, político e social brasileiro na década de 60 e a Campanha da Legalidade, mobilização civil-militar iniciada no Rio Grande do Sul em apoio à posse do presidente João Goulart..

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, História, Política, Legalidade e Democracia.

MÊS DE CÃES DANADOS, HISTORY AND FICTION IN THE TIMES OF LEGALITY

ABSTRACT: This article is aimed to analyse Moacyr Scliar's novel *Mês de cães danados*, having as central reflection the historical, political and social Brazilian context in the 1960s and the Campaign of the Legality, a civil-military mobilization started in the state of Rio Grande do Sul in support of President Joao Goulart.

KEYWORDS: Literature, History, Politics, Legality and Democracy.

A UNIVERSALIDADE DA NARRATIVA DE MOACYR SCLIAR

A ruptura com os temas tradicionais, que marcaram o regionalismo sul-rio-grandense e diferenciaram a literatura gaúcha da brasileira tem início com o gênero conto, em 1962, através da publicação de *Nove do Sul*, antologia ao qual o então jovem escritor Moacyr Jaime Scliar (1937-2011), no auge dos seus 25 anos, assina seus primeiros textos, ao lado de nomes como Tânia Faillace e Josué Guimarães.

Poucos anos após o seu surgimento no cenário literário, o filho dos imigrantes judeus José e Sara se torna “o contista mais produtivo do período, com quatro livros publicados: *A balada do falso messias* e *Mistérios de Porto Alegre*, em 1976, *Histórias da terra trêmula*, 1977, e *O anão no televisor*, 1978” (BITTENCOURT, 1999, p. 77) ao explorar temas ainda novos na literatura produzida no Rio Grande do Sul como os grandes centros urbanos, a sociedade capitalista e o homem contemporâneo. Antes disso, havia publicado outras obras com temáticas semelhantes como *Histórias de um médico em formação*, em 1962, *Tempo de espera*, 1963, e *O carnaval dos animais*, em 1968.

Não foi necessário muito tempo para que o autor fosse aclamado pela crítica literária como o “mestre na narrativa curta, o que não o impediu de vir a ser um romancista de grande qualidade, assim como um cronista de sucesso” (FISCHER, 2004, p.120). O reconhecimento da Academia Brasileira de Letras, ainda que tardio, no ano de 2003, imortalizou a sua trajetória literária. No discurso de posse, embora tenha exaltado a literatura produzida no seu estado, Scliar defende um projeto literário mais abrangente, que destaque a diversidade das manifestações culturais brasileiras:

Para mim, está claro que aqui estou representando a literatura gaúcha. Sou apenas um dos numerosos nomes que integram a extensa lista daqueles que fazem do Estado do Rio Grande do Sul o cenário e a motivação para sua literatura. De outra parte, esta intensa mobilização reflete a importância da ABL no cenário cultural brasileiro. Uma importância que crescerá proporcionalmente ao intercâmbio da Academia com as instituições culturais das diversas regiões. Esta abertura se faz cada vez mais necessária e aponta para novas e promissoras possibilidades.¹

A geografia local, ilustrada em uma série de histórias ocorridas no espaço urbano de Porto Alegre, é uma referência importante que permite situar a obra de Moacyr Scliar ao

¹ O discurso completo pode ser acessado no endereço eletrônico www.academia.org.br.

espaço sul-rio-grandense. Para a pesquisadora Regina Zilberman, poucos escritores registraram as nuances da Capital gaúcha como ele:

Porto Alegre, que já se apresentara de modo visível no romance de Erico Verissimo e indireto no de Dyonélio Machado, particularmente em *Os ratos*, retorna nos contos e novelas de Moacyr Scliar. O escritor investiga *Os mistérios de Porto Alegre* e apropria-se de personagens da personalidade de bairros como o Bom Fim (*A guerra no Bom Fim*) ou Partenon (*Os deuses de Raquel*), características de ruas (a Voluntários da Pátria, em *Os voluntários*) e peculiaridades da paisagem, hábitos e história da Capital (*O centauro no jardim* e *A estranha nação de Rafael Mendes*) (ZILBERMAN, 1992, p. 134).

A agitação do centro histórico de Porto Alegre, também é capturada pelo olhar quase cinematográfico das suas personagens, como Mário Picucha, nesta passagem da obra que analisaremos a seguir, *Mês de cães danados*:

Sobe a ladeira. Deixarás à direita o Teatro São Pedro – que melhor adjetivo para ele, senão vetusto? Vetusto. Famosos sopranos já cantaram nessa Casa. Mas esquece o Teatro. A esta hora não dão espetáculos. Atravessa a rua e chega à Praça da Matriz propriamente dita. Estátua de Júlio de Castilhos. Chega-se a ela por uma escadaria ladeada por cães de bronze, sentados, as patas dianteiras estendidas. Dois cães fiéis. Da raça setter, creio. Não se trata de cães danados; são dedicados vigilantes. Infelizmente, porém, estão de costas para o monumento, de modo que não veem o que se passa atrás de si. Se vissem! Ah, se vissem! Se levantariam irados, rilhando os dentes de metal esverdeado! Porque um dragão – um verdadeiro dragão com corpo de réptil e asas – se ergue ameaçando a figura do patriarca sul-rio-grandense” (SCLIAR, 2002, p. 53-54).

De acordo com Zilberman:

O fato de a cidade aparecer de modo tão marcante na ficção de Moacyr Scliar deve ser compreendido em relação aos resultados a que chega o escritor: permite visualizar a compartimentação da sociedade sulina e, simultaneamente, traduzir de modo simbólico a personalidade e a existência de seus heróis (ZILBERMAN, 1992, p. 135).

A temática da identidade também ocupou lugar de destaque na obra de Scliar. Engajado em contar a história dos seus pares - imigrantes, refugiados e exilados judeus - o autor dedicou ao deslocamento da comunidade judaica para o Rio Grande do Sul e ao embate identitário resultante desse processo um número expressivo de contos, novelas e romances. Em *Mês de cães danados*, Scliar propõe outra leitura sobre o tema. Para isso, revisita a historiografia literária sul-rio-grandense, se apropria das características que mitificaram o monarca das coxilhas, forjado por autores como Apolinário Porto Alegre, Alcides Maya e Simões Lopes Neto e propõe um novo ângulo de análise sobre o gaúcho, desmitificado pela paródia, pelo capital e, sobretudo, pela astúcia da imaginação.

MÊS DOS CACHORROS LOUCOS, DO DESGOSTO E DOS CÃES DANADOS

Massacres impiedosos, derrotas inesperadas e muito sangue derramado. Assim pode ser revivido o mês de agosto nas páginas da história. Não é por acaso que a credence popular o consagrou como o mês do desgosto. Nesse período do ano, onde afloram as mais inusitadas superstições e histórias de mau agouro, a imaginação e a criatividade andam juntas.

Essa alcunha dada também é reforçada pela literatura, através do traço melancólico de muitos escritores e poetas. Uma boa referência sobre esse “mês especialmente dado a feiúras” (ABREU, 2006, p. 35) é o gaúcho Caio Fernando Abreu. Para ele, “atravessamos agostos que parecem eternos e, nos setembros, suspiramos quase leves outra vez: ‘Meu Deus, passou’. O que vence quando é puro engano: há pequenos agostos embutidos no entremeio de doidos setembros” (ABREU, 2006, p. 184). Poeta de grande destaque na literatura sul-rio-grandense, Lila Ripoll relaciona a tristeza e as desventuras da vida ao período em que veio ao mundo, uma espécie de sina, daqueles que também nasceram no referido mês, assim como ela: “Sou triste de nascença e sem remédio/Vim ao mundo no triste mês de agosto/o mês fatal da chuva e do tédio/e nasci quando o sol estava posto” (RIPOLL, 1998, p.29).

Outro registro literário ambientado no mês de agosto é o romance homônimo, escrito pelo mineiro Rubem Fonseca. Numa trama envolvente e cheia de mistérios, que lembra muito o gênero policial, o autor mistura ficção e realidade para recontar o derradeiro fim do presidente gaúcho Getúlio Vargas, ocorrido em agosto de 1954, com a confirmação do seu suicídio.

Agosto também é o mês dos cachorros loucos ou de cães danados, conforme aponta o título da obra de Scliar. Para Chevalier e Gheerbrant:

Não há, sem dúvida, mitologia alguma que não tenha associado o cão – Anúbis, T'ian-k'uan, Cérbero, Xolotl, Garm etc. – à morte, aos infernos, ao mundo subterrâneo, aos impérios invisíveis regidos pelas divindades ctorianas ou selênicas. A primeira vista, portanto, o símbolo complexo do cão está ligado à trilogia dos elementos da terra – água – lua, dos quais se conhece a significação oculta, femeal, ao mesmo tempo em que é vegetativa, sexual, divinatória e fundamental, tanto no que concerne ao conceito do inconsciente, quanto ao de subconsciente (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1991, p. 176).

Ainda de acordo com o *Dicionário de Símbolos*, “a primeira função mítica do cão, universalmente atestada, é a de psicopompo, guia do homem na noite da morte, após ter sido seu companheiro no dia da vida” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1991, p. 176).

Mês de cães danados tem como pano de fundo o episódio mais marcante da historiografia sul-rio-grandense, depois da Guerra dos Farrapos: a Campanha da Legalidade. A obra de Scliar perpassa as oscilações econômicas decorrentes do período, a transição do campo para a cidade no Rio Grande do Sul e a forte crise política que assolou o Brasil a partir da década de 60, culminada com a instauração da ditadura militar. Esse panorama histórico é reconstruído através do discurso alegórico de Mário Picucha, um mendigo que diz ter acompanhado essas e outras histórias na agitada vida política porto-alegrense.

É o ponto de vista unilateral dessa controversa personagem que predomina no texto de Scliar, aguçando a curiosidade de um interlocutor misterioso, que nada diz, mas paga para ouvir o que ele tem para falar. Um jornalista, em busca de uma boa reportagem? Ou um investigador, atrás de alguma prova? O clima de suspense em relação à identidade dessa personagem secundária, ou simplesmente “paulista”, como é chamado por Picucha, é mantido do início ao fim do romance e atenua a atmosfera de tensão daqueles conturbados anos 60 proposta pelo autor.

O CAPITAL E O SOCIAL EM *MÊS DE CÃES DANADOS*: UMA LEITURA DOS AGITADOS ANOS 60

A dicotomia campo e cidade, objeto de permanente investigação nas mais variadas áreas da ciência, como o conhecido estudo *O campo e a cidade – na história e na literatura* do crítico literário Raymond Williams, foi por muito tempo o tema central da literatura sul-riograndense. De Simões Lopes Neto a Cyro Martins, dois tempos distintos na produção literária gaúcha, muitas gerações de escritores nascidos no Rio Grande do Sul ou com alguma ligação com o estado fizeram do espaço rural e, tempos depois, do urbano, o mote para a construção da identidade e dos mitos que até hoje prevalecem no imaginário do povo gaúcho.

Os últimos dias de agosto de 1961, período que coincidiu com a renúncia do presidente Jânio Quadros e a turbulenta transição presidencial, que levou ao questionamento do Estado democrático de Direito e ao início de uma grande mobilização em apoio à posse de João Goulart, são passados em revista por Mário Picucha, que retorna à querência e se utiliza de estratégias semelhantes às aquelas utilizadas pela personagem Romualdo, de Simões Lopes Neto, para contar a sua versão dessa história: “Vou te contar um causo, sabes? Um causo. É o que vou te contar. Não no linguajar dos pagos, porque este infelizmente já esqueci (SCLIAR, 2002, p. 10)”, diz logo no primeiro contato com o interlocutor. A ele e aos leitores menos atentos, a personagem alerta: “Confia na minha imaginação. Vou te contar coisas que nunca ouviste, que nunca leste; coisas que não viste no cinema nem na televisão” (SCLIAR, 2002, p. 10).

Considerado um dos pioneiros a tematizar o espaço urbano na ficção sul-riograndense, Scliar apresenta um elemento intrigante e que transcende a oposição campo e cidade em *Mês de cães danados*: a fabulação. Através desse recurso, Picucha traça o perfil de uma sociedade cuja relação é quase embrionária com o capital:

Vamos começar por onde? Pelo nome? Queres saber meu nome? Bom... Que nome vou te dar? Milton, está bem? Ou Artêmio? Ou preferes Mário? Preferes Mário. Muito bem. É que, sabes, sobrenome não tem importância. Não tem não. Acredita em mim. Olha: quem te diz isto tinha um sobrenome ilustre. Estava até gravado nos copos de uma espada. Não tenho sobrenome, não tenho família. Outras coisas não tenho: casa própria; conta bancária; carteira de identidade; cartão de crédito; carro; cão de guarda – para ficar só na letra C. Cavalos. Não tenho cavalo. Não tenho sobrenome, mas posso te arranjar um apelido. Apelido sempre é bom, dá à história um

tom pitoresco, um ar regional. Então meu apelido é Picucha. Mário Picucha. Isto é o que interessa. (SCLIAR, 2002, p 7- 8).

Na apresentação, nem um pouco convencional, da sua personagem, Scliar evoca elementos inerentes à tradição, como o sobrenome, e a modernidade, a conta bancária, o cartão de crédito e o carro – bens e serviços atrelados à lógica consumista da sociedade contemporânea. A crítica ao capital também pode ser observada em outras passagens da obra e é evidenciada, sobretudo, no fato de Picucha transformar suas histórias em mercadoria: “Porque só falo se me pagam. Tu pagas para ver um filme, não pagas? Pois então tens de pagar para ouvir aqui o teu amigo. O teu criado. O teu degas. Estas palavras não se usam mais. Eu as uso. E é por isso que cobro para falar. (SCLIAR, 2002, p. 6) colocando à venda o último patrimônio que lhe restou:

Mediante (atenção!) pagamento, viajante paulista terá visão, sucinta e não desprovida de interesse, do agosto de 1961 – mês, na expressão do narrador, de cães danados. Paralelamente, narrador contará algo de sua vida – interessante infância, batalhas na cidade de Pelotas, aventuras na capital. Mediante pagamento adicional poderá descrever cenas de sexo (sublinha esta palavra, paulista, no original; se for impresso quero-a em itálico. Ah, ris. Teu nome é Sátiro?). Narrador mencionará em fugaz, Simca Chambord, Cestas de Natal Amaral, considerável número de populares bradando viva Jânio, muro de Berlim, machine-gun. Bois empalhados. Letras da Legalidade. Fayacal Khautz. Para resumo já é demais, paulista. Queira efetuar sua contribuição. Isto. Muito bem. (SCLIAR, 2002, p. 92).

As consequências políticas e sociais do modo de produção capitalista são tema de investigação em diversos campos científicos e também repercutem nas artes, como é o caso da literatura. Em *A literatura no Rio Grande do Sul*, Zilberman constrói uma análise coerente sobre esse sistema econômico, que contribui para o entendimento da obra literária em questão. Para ela:

A economia capitalista caracteriza-se pela acumulação e circulação do dinheiro e a grande mutabilidade social. A meta que aciona as engrenagens é a conquista da riqueza, cuja obtenção promove a elevação do indivíduo aos postos mais altos da hierarquia, o fracasso promove a marginalização, e a perda, a decadência. O ser humano não dispõe previamente de um lugar fixo na estrutura social, como acontecera sob o domínio da aristocracia rural da Idade Média ou das cooperativas de artesãos no

começo da vida moderna. Seja por necessitar subir socialmente, ter que competir com a concorrência ou agir de modo autônomo, o indivíduo passa a experimentar a solidão que, motiva a concentração para a interioridade (ZILBERMAN, 1992, p. 132-133).

A fragilidade das relações humanas e a descrença nesse modelo de sociedade perpassam a obra de Scliar e, em *Mês de Cães Danados*, não é diferente, tendo em Mário Picucha o seu porta voz. A personagem não poupa críticas a instituições sociais, políticas e comerciais, ao qual se converteu a comunicação, ao longo dos últimos anos: “A propósito: não é para jornal, é? Para jornal não conto nada. Já estou ressabiado. Uma vez veio aqui uma jornalista, me fez contar a história toda, riu de mim, me fotografou e foi embora sem pagar nada. No outro dia sai no jornal uma reportagem enorme – com o nome dela! Ganhou fama e dinheiro às minhas custas!” (SCLIAR, 2002, p. 7), pondera ao interlocutor desconhecido.

No início da década de 60 o país enfrentou uma intensa crise e o sistema entrou em colapso. Conforme aponta o economista Mário Mesquita, entre os anos de 1961 e 1964 o Brasil experienciou um dos cenários econômicos mais desfavoráveis da sua história marcado por altos índices de inflação, pela estagnação e algumas rupturas. Segundo ele:

Entre o final de janeiro de 1961 e 31 de março de 1964, o Brasil viveu um período de singular turbulência política, assistiu a única experiência parlamentarista da era republicana, teve três presidentes, cinco chefes de governo e seis ministros da Fazenda. A rotação no comando da política econômica contribuiu para a perda progressiva do controle sobre a inflação e outras variáveis econômicas²

Como podemos observar na análise de Wasserman, o contexto econômico sul-riograndense não diferenciava do nacional:

O Rio Grande do Sul vinha enfrentando uma baixa produtividade, além de dificuldades estruturais, decorrentes da escassez de transportes, energia e telecomunicações. A atividade agropastoril sofria com os melhores rendimentos do centro do país, onde o setor era mais desenvolvido tecnologicamente. O êxodo rural também começava a criar problemas na

² MESQUITA, M. *Brasil 1961-1964: Inflação, estagnação e ruptura*. Disponível em: <http://www.econ.puc-rio.br/pdf/td569.pdf>. Acesso em: 28/07/15.

precária estrutura urbana gaúcha, além de refletir questões relacionadas à concentração de terra e à reforma agrária” (WASSERMAN, 2010, p. 57).

Isso contribuiu para a renovação dos debates e o surgimento de novas agendas políticas, como a reforma agrária, proposta pelo governador Leonel Brizola (1959-1963) no Rio Grande do Sul e pelo Presidente da República João Goulart (1961-1964) em todo o território nacional:

O cenário do país era de grande efervescência política. O programa de reformas do presidente Goulart havia acentuado a radicalização política, crescente desde 1961. De um lado, os que queriam as Reformas de Base. De outro, aqueles que achavam que tudo devia ficar como estava. Para que reforma agrária? Reforma bancária? Reforma educacional? Para que reforma tributária? A Lei de Remessa de Lucros penalizando as pobres multinacionais? Para que estender os direitos trabalhistas aos trabalhadores rurais? Promover o desenvolvimento do país em bases nacionalistas, como pretendia o presidente João Goulart, com o apoio dos sindicatos, do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), da União Nacional dos Estudantes (UNE), do PTB, dos sindicalistas e comunistas? (GONZALES, 2010, p. 98).

No bojo de uma série de outras reformas de base propostas pelos governos progressistas, a desapropriação de terras foi como a gota d’água para os setores conservadores da política e da sociedade brasileira. O tema é evocado pelo discurso contaminado de Mário Picucha, filho de fazendeiro, na obra de Scliar: “O senhor Jânio, continuava meu pai, renunciou quando ia inaugurar a exposição agropecuária, e isto para mim é um aviso. Está aí esse governador, esse pulha, desafiando todo mundo, e sabe lá o que vai acontecer. Das minhas terras só me expulsam morto” (p.110).

Em *Mês de cães danados*, o entrecruzamento do discurso histórico e literário permitem uma leitura renovada do período que antecedeu o regime de exceção brasileiro e reascende o debate sobre temas como a democracia, a distribuição de renda e a reforma agrária pelo viés da ficção. Uma página importante da história nacional lembrada brilhantemente pelo escritor Moacyr Scliar. Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça, como já dizia o célebre Dom Paulo Evaristo Arns.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas Epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. **O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade**. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1999. CHEVALIER, J.

GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

FISCHER, Luís Augusto. **Literatura gaúcha: formação, história e atualidade**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.

GONZALES, Sérgio. Grupo dos Onze: lembranças que contam a verdade histórica. In: PADRÓS, E. et al. (orgs). **A ditadura de segurança nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória**. Porto Alegre: Corag, 2010. p.97-108.

RIPOLL, Lila. **Obra completa**. Organização de Alice Campos Moreira. Porto Alegre: IEL/Movimento, 1998.

SCLIAR, Moacyr. **Mês de cães danados**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

WASSERMAN, Cláudia. O golpe de 64: Rio Grande do Sul, “celeiro” do Brasil. In: PADRÓS, E. et al. (orgs). **A ditadura de segurança nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória**. Porto Alegre: Corag, 2010. p.51-70.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.